



Linguagens do Corpo Carioca, no Museu de Arte do Rio: curador de fotografia administra acervos e organiza mostras

Thales Leite

ENTENDA A FUNÇÃO DO curador de fotografia

POR MÁRIO FITTIPALDI

Profissional cuida de acervos de imagens e viabiliza exposições, eventos e livros, criando um canal de comunicação entre fotógrafo e público

A palavra curadoria virou moda. Tanto que seu significado original, que é o de cuidar, administrar (do latim *curare*) e que sempre esteve ligado à administração e cuidado de acervos de obras de arte – incluindo a fotografia –, acabou se expandindo para outras áreas e se descolou do sentido. Hoje há curador para escolher e indicar queijos, vinhos, roupas da moda... Como consequência, há dúvidas sobre o que é de fato curadoria e o que faz o

curador de fotografia.

O escritor, curador de fotografia e editor pernambucano radicado em São Paulo (SP) Diógenes Moura, de 61 anos, que esteve durante 13 anos à frente da curadoria de fotografia da Pinacoteca do Estado de São Paulo, diz que, modismos à parte, o trabalho de um curador é algo muito sério. “É preciso, antes de mais nada, ter uma compreensão saudável do mundo e de seu existir nele”, observa, adiantando que só assim é possível enxergar a intenção do fotógrafo, o que



Ana Stewart

Fabio Teixeira



Com curadoria de Milton Guran e Paulo Herkenhoff, exposição *Linguagens do Corpo Carioca* buscou representar a alma dos moradores da cidade; abaixo, mostra do Paraty em Foco na Praça da Matriz busca aproximar a fotografia do público



Nereu Jr.



Imagem do curador Diógenes Moura documenta usuários de *crack* do centro paulistano para a exposição *Livro de Rua*

ele quer dizer. “O trabalho de curadoria é algo muito íntimo, você tem de se tornar parte da família do artista. É quase uma irmandade”, explica.

A curadora, arquiteta e museóloga paulistana Rosely Nakagawa, que dirigiu a Galeria Fotóptica, criada por Thomaz Farkas nos anos 1980, e a Casa da Fotografia Fuji, de 1997 a 2004,

segue a mesma linha. Ela lembra de uma das primeiras exposições que organizou para a icônica galeria, com o fotógrafo Carlos Moreira, que acabou virando um amigo muito próximo. “Foi um momento feliz. Quando ainda era estudante na Faculdade de Arquitetura da USP, vi uma exposição dele e me encantei. Jurei para mim mesma

que o procuraria assim que tivesse chance”, conta. “Foi a melhor aula de edição da minha vida, um processo que se manteve ao longo dos anos em que a galeria ficou na Rua Bela Cintra. Acompanho o seu trabalho até hoje”, comenta.

Rosely ensina que, quando se faz uma seleção de fotografias, seja para uma exposição, instalação, livro ou performance, o mais importante é entender o desejo do autor. “A partir daí, o curador cria uma costura que o ajuda a realizar seus objetivos”. Ela ressalva, no entanto, a dimensão que o trabalho de curadoria vem assumindo de se colocar em uma instância superior à do fotógrafo. Exatamente por isso, ela está abolindo de seu vocabulário o termo “curador”, tendo preferido “comissário”: “O trabalho tem de ser o de suporte ao autor, e não de direcionamento como está sendo feito agora. O comissário atua como um facilitador, um organizador”, conclui.

DO ACERVO À PAREDE

Administrar o acervo de obras de um museu ou galeria e organizar exposições e mostras de fotogra-



Diógenes Moura diz que curador tem de formar irmandade com fotógrafo



Carlos Moreira



Ale Ruaro

Ao lado, a fotografia de Carlos Moreira encantou a curadora Rosely Nakagawa (acima), que organizou mostra do fotógrafo na extinta Galeria Fotóptica

fia são algumas das frentes de trabalho de um curador de fotografia. Durante sua passagem pela Pinacoteca do Estado de São Paulo, Diógenes Moura deixou um acervo de mais de 600 fotografias, todas de fotógrafos brasileiros. “Foram todas doadas, muitas produzidas com exclusividade para mostras que eu organizei”, orgulha-se. “Quando cheguei lá, nos anos 1980, havia apenas 74 imagens”, afirma.

Atualmente trabalha de forma independente. A exposição *Retumbante Natureza Humanizada*, feita com o fotógrafo paraense Luiz Braga, venceu o prêmio da Associação Paulista dos Críticos de Arte (APCA) em 2014. E sua própria exposição, *Livro de Rua*, que reúne 34 imagens feitas com celular nos últimos sete anos documentando moradores de rua e usuá-

rios de *crack* da região central da capital paulista, está em cartaz na Galeria Utópica, de São Paulo (SP).

O trabalho de curadoria para uma exposição, dependendo da profundidade e do envolvimento do curador, pode gerar uma nova obra. É o que explica o fotógrafo, antropólogo e curador carioca Milton Guran, de 69 anos. “Você mergulha em um acervo fotográfico, faz um recorte daquele acervo que produz sentido, cria um discurso visual coerente. Depois, organiza e cuida de todos os detalhes, como a iluminação, o fluxo do público, os textos curatoriais e até a tipografia usada na identidade visual. O resultado é uma obra de autoria do curador a partir da matéria-prima, que é o trabalho de um ou mais fotógrafos”, diz.

Guran cita o exemplo de uma ex-

posição que organizou em parceria com Paulo Herkenhoff para o Museu de Arte do Rio, o MAR, em 2017, chamada *Linguagens do Corpo Carioca [A Vertigem do Rio]*. “Foram dez meses de trabalho para selecionar cerca de 900 obras de 150 artistas para representar a alma dos moradores da cidade. É claro que o resultado desse trabalho é uma exposição de autoria dos curadores”, enfatiza.

Outra frente de trabalho que, no Brasil, é relativamente nova, segundo Guran, é a curadoria de livros, que resulta na publicação de uma obra ou de uma coleção de livros de fotografia. Ele participou da curadoria editorial do livro *História do Brasil em 100 Fotografias* (Editora Bazar do Tempo, 2017), em conjunto com a editora Ana Cecília Impellizzeri Martins, o fotógrafo e historiador Joaquim Mar-



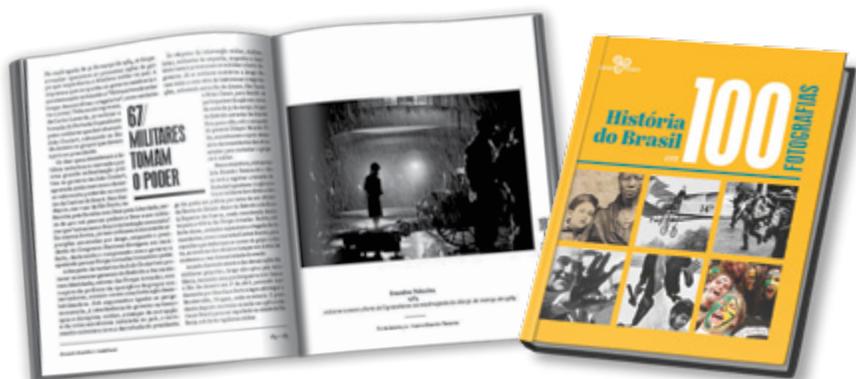
Milton Guran, um dos curadores do livro *História do Brasil em 100 Fotografias* (abaixo), destaca a curadoria editorial como uma nova frente de trabalho

Thais Rocha



O curador do Festival Paraty em Foco 2017
Érico Elias

Nereu Jr.



çal e o historiador Luciano Figueiredo. O livro reúne imagens que representam quase 200 anos de fotografia no Brasil. “O resultado é o mínimo denominador comum dessas quatro cabeças”, resume.

FESTIVAIS E EVENTOS

Outro nicho importante de atuação do curador é na organização de eventos. O curador da mais recente edição do Festival Paraty em Foco, Érico Elias, 36 anos, mineiro de Guaxupé radicado em Paris, ressalta que essa é uma função cada vez mais importante, uma vez que, a partir dos anos 2000, houve uma popularização de festivais de fotografia no Brasil – muitos, como o próprio Paraty em Foco, segundo o modelo do famoso *Rencontres d'Arles* francês, de reunir fotógrafos e público por vários dias em

uma cidade pequena e charmosa.

Ele ressalta que, nesses festivais, a ideia é a de promover encontros que discutam a produção fotográfica em todas suas formas e vertentes, como a fotografia experimental, artística ou documental, e estender essa discussão ao público. “Além de capturar tendências, o curador tem de encontrar maneiras de atrair e formar público”, acrescenta.

Milton Guran, que também organiza o Encontro Internacional de Fotografia do Rio de Janeiro, o FotoRio, destaca a importância do trabalho de leitura de portfólios que muitas vezes ocorre nesses eventos. Durante 20 minutos, o fotógrafo tem a oportunidade de ter seu trabalho avaliado por um curador, que, com sua experiência, pode identificar acertos, sugerir novas abordagens e até aju-

dar na colocação no mercado de arte. “O curador faz uma leitura crítica da obra, sempre com um olhar objetivo e generoso”, diz.

Guran vê ainda uma relevante função social nos festivais. No FotoRio, além das exposições em espaços fixos, que contam com a curadoria dos organizadores, há também uma transferência da curadoria para a sociedade. “Recebemos propostas de exposição e, se tiver coesão e qualidade técnica, aprovamos. Daí, se elas encontrarem lugar para ir para a parede, estarão no FotoRio. Vale qualquer espaço, seja um restaurante, um corredor de metrô...”, explica.

Ele ressalta que a ideia não é exigir do fotógrafo iniciante e da periferia a mesma qualidade do experiente que vai para o Centro Cultural Banco do Brasil, por exemplo, mas integrá-lo ao conjunto do festival. “Na medida em que o iniciante está no FotoRio, o público dele também vai se interessar pelo cara do CCB. Assim, acabamos também formando público para a fotografia como arte”, acredita.